

Interação e sentido nas práticas de vida¹

Interacción y sentido en las prácticas de vida

Interaction and sense in the praxis of life

Ana Claudia Mei Alves de Oliveira²

Resumo *O artigo centra-se no conceito de interação como procedimento de apreensão e de construção do sentido. Conceitos imbricados e interdependentes, examinamos tipos de interação que produzem distintos tipos de construção do sentido de um corpus de práticas de vida em São Paulo. Cidade e habitantes são sujeitos interagentes analisados nas narrativas de experiência vividas, que são diferenciadas das narrativas mediadas pelas mídias. A semiótica francesa é fundamento e método da análise dos enunciados das práticas, arranjos de linguagens sincréticas, que concretizam o conteúdo, orquestrado pelos mecanismos da enunciação dos quais a interação discursiva é a força emergente do sentido e da circulação dos valores sociais, que não são reflexos, mas a própria presença do sentido da urbe.*

Palavras-chave: *Interação; Sentido; Enunciação; Linguagens; Semiótica das práticas*

Resumen *El presente artículo se centra en el concepto de interacción como procedimiento de aprehensión y de construcción del sentido. Conceptos superpuestos e interdependientes, examinamos tipos de interacción que producen distintos tipos de construcción del sentido en un corpus de prácticas de vida en São Paulo. Ciudad y habitantes son sujetos inter-agentes analizados en las narrativas de experiencias vividas, que son diferentes de las narrativas que son mediadas por los medios de comunicación. La semiótica francesa es el fundamento y método del análisis de los enunciados de las prácticas, arreglos de lenguaje sincréticos,*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho *Práticas interacionais e linguagens na comunicação* no XXIII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal do Pará, Belém, de 27 a 30 de maio de 2014.

² Pós-doutorada pela Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales. Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Codiretora do Centro de Pesquisas Sociosemióticas – CPS, São Paulo, SP, Brasil. e-mail:anaclaudiamei@hotmail.com.

que concretizan el contenido, ordenado por los mecanismos de la enunciación de los cuales la interacción discursiva es la fuerza emergente del sentido y de la circulación de los valores sociales, que no son reflejos pero la propia presencia del sentido de la urbe.

Palabras-clave: *Interacción; Sentido; Enunciación; Lenguajes; Semiótica de las practicas*

Abstract *The article is based on the concept of interaction as a procedure for seizing and building sense. As these concepts are intertwined and interdependent, we approach interaction types that produce different types of sense construction in a corpus made of life praxis in São Paulo. City and inhabitants are the interactive subjects analyzed in the narratives of the living experiences, which are different from the ones conveyed by media. The French Semiotics is both theoretical fundament and method for the analysis of the praxis' enunciates, syncretic language arrangements that materialize the content, orchestrated by the enunciation mechanisms from which the discursive interaction is the sense's and social value's circulation emerging force. These are not reflections, but the sense's own presence.*

Keywords: *Interaction; Sense; Enunciation; Languages; Praxis semiotics*

Data de submissão: 2/6/2014

Data de aceite: 8/8/2014

Todos nós, todos os seres vivos sobre este planeta, pessoas e animais, aves, répteis, larvas e peixes, na realidade todos nós estamos bem próximos uns dos outros, apesar de todas as muitas diferenças entre nós: pois quase todos nós temos olhos para ver formas, movimentos e cores, e quase todos nós ouvimos vozes e ecos, ou pelo menos sentimos a passagem da luz e da escuridão através da nossa pele. E todos nós captamos e classificamos sem parar, cheiros, gostos e sensações. [...] Além disso, todos nós sem exceção somos sensíveis ao extremo.

Oz, A., *De repente, nas profundezas do bosque* (2007, p. 46).

Problematização do estudo de São Paulo pelas práticas de vida

A maior parte da população do mundo vive hoje em cidades ou em torno de cidades, que são os agrupamentos sociais de alocação da vida humana. A constância desse tipo de agrupar-se, desde longos séculos regente dos modos de estar no mundo, foi uma das razões que nos conduziu a estudar a vida em uma grande cidade, São Paulo. Nascida e crescida na zona rural, sempre me impressionou como morar na cidade é supervalorizado em relação a morar no campo, uma situação irreversível desencadeada no país pela aceleração do processo de industrialização que atravessou várias fases do século XIX ao XX, e adentra o século XXI com novo vigor de levas imigratórias marcadas tanto pela globalização quanto pelas necessidades locais. Com a mão de obra requerida para as indústrias fabris, alimentícias, da construção civil, do comércio e serviços, São Paulo fez-se sempre atrativa para os brasileiros de todos os rincões, com levas migratórias em seu desenvolvimento econômico, mas também para os imigrantes, pelas situações de guerras e de dificuldades econômicas, sociais e políticas em seus países de origem, o que ainda se mantém como um dos fatores para o inchaço das grandes cidades. Industrialização e urbanização estão intrinsecamente conectadas, e São Paulo não estava preparada para essa urbanização desordenada. A falta

de planejamento gerou problemas de várias ordens: saneamento (distribuição de água e esgoto); ambientais (poluição do ar e da água); falta de moradia, com a favelização; falta de áreas verdes; falta de zoneamento para indústria, comércio e residência; problemas de mobilidade e congestionamento; transtornos vários, que incidem na sonoridade de decibéis acima do suportável, só superados pela falta de segurança e os altos índices de violência.

A face que São Paulo assume na entrada da segunda década do século XXI é em tudo delineada por esse ritmo acelerado. Tomando como baliza os nossos próprios modos de interação com a sua organização em várias modalidades, como étnica, urbanística, arquitetônica, administrativa, comercial, industrial, educacional, de trabalho, entretenimento, gastronômica, que se articulam em arranjos semióticos que marcam a complexidade das configurações citadinas e de convivência, São Paulo é uma cidade que, na atualidade, se mostra com uma população que ultrapassa 11 milhões de habitantes, sendo a quarta aglomeração urbana do mundo em uma extensão de 1.522.986 km², dos quais 968.324 km² são de área urbana, sem contar o complexo metropolitano expandido, que abarca cidades próximas como Campinas, Baixada Santista, Vale do Paraíba, Sorocaba e Jundiaí, totalizando 19 milhões de habitantes.

Assim, São Paulo expõe números que a qualificam no Brasil, na América e no mundo como uma megalópole, o que não deixa de ser um atributo qualificante que, por si só, impressiona estudiosos ou não. O superdimensionamento de todos os aspectos das condições de vida é o que produz esse impacto distintivo nos que a habitam ou sonham habitá-la.

No início do filme de Allan Ribeiro, *Esse amor que nos consome* (2013), nas primeiras falas proferidas no interior de um casario do Rio de Janeiro, outra grande metrópole do Brasil, com janelões abertos para o exterior que não se vê, ocultado pelo esvoaçar dos tecidos das cortinas que nos levam a permanecer no interior, a personagem masculina proclama: “O homem está na cidade assim como a cidade está no homem”. Esta asserção é demasiadamente forte em seus impactos e traduz o nosso propósito de estudo, a saber: a captura de como o homem está em São Paulo, ao mesmo tempo apreendendo como São Paulo está no homem

e como os atributos dessa cidade o fazem ser. A assertiva da personagem do filme centraliza a minha proposição de estudo de São Paulo, uma pesquisa que está sendo realizada não individualmente, mas com um grupo de investigadores do Centro de Pesquisas Sociossemióticas – CPS, sediado na PUC-SP. Desde julho de 2011, o Projeto Temático conta com o apoio da FAPESP em uma parceria entre a PUC-SP/PEPG em Comunicação e Semiótica e a UNESP: FAAC/PEPG em Comunicação Midiática (2011-2014) e mantém três convênios internacionais de colaboração investigativa.

Mesmo para uma equipe de investigadores, a São Paulo que estudamos é colossal demais, e alguns filtros tiveram de ser colocados a fim de viabilizar as nossas lentes de contato, não só para vê-la, mas também para senti-la com todas as extensões sensoriais. Isso porque a primeira consideração que temos de enfrentar é a nossa proposta de correlacionar a São Paulo sentida e captada a partir da experiência das práticas de vida à São Paulo proclamada pelas mídias, nas ações da administração pública, da política municipal, da publicidade da cidade, de empresas, marcas e produtos, nas produções televisivas, fílmicas, videográficas, radiofônicas, nas quais a São Paulo provocadora de desejos é a da promessa de tudo que se oferta a moradores, empresários, lojistas, imigrantes, migrantes, turistas e estudantes.

De muitos *slogans*, como “São Paulo, que não é conduzida, conduz”,³ que a municipalidade vem reafirmando como o seu lema desde o período colonial até os nossos dias, nos seus emblemas e bandeira fixados por todas as partes em obras, repartições e serviços, a cidade põe em circulação esse atributo atitudinal que ela assume como qualificador maior de sua identidade. Ou ainda outros *slogans*, como “São Paulo que não para nunca”, mesmo tendo se tornado palco de picos de congestionamentos de mais de 360 quilômetros no ano de 2013; “São Paulo da garoa”, embora sua temperatura e clima tenham mudado radicalmente e os com-

³ Remeto às abordagens desse *slogan* emblemático realizadas junto ao projeto temático “Práticas de vida e produção de sentido em São Paulo”: MACALHÃES, M. C. A imagem de marca de São Paulo, *Caderno de textos do XVII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociossemióticas*, São Paulo, CPS, 2011; OLIVEIRA, A. C. Viva tudo isso! São Paulo, *Caderno de textos do XVIII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociossemióticas*, São Paulo, CPS, 2012.

plexos de abastecimento hídrico estejam em estado de alerta pela falta de chuva; “A cidade que mais cresce no mundo” ou “São Paulo que não pode parar”, todos esses *slogans* são asserções que confirmam as figuratividades de dinamismo, aceleração, transformação que temos do objeto de estudo, cidade e população que escolhemos investigar. Aprender esse estado dinâmico em sua própria dimensão transformacional não é tarefa das mais fáceis e implica investigar os estados de alma que desencadeiam a esfera sensível que emana da gente e dos lugares e gravitam na vida da localidade.

Sem poder adentrar a pesquisa propriamente dita, cujo escopo vai além desta reflexão, o que se propõe arrolar neste artigo é a construção conceitual que guia a sua realização. O primeiro conceito é o de interação. Entendido como um ato transitivo entre sujeitos, é um ato que possibilita apreender, compreender e interpretar a relação que se estabelece entre cidade e população. A relação é de uma interação tanto da cidade quanto da população, que são os sujeitos parceiros do próprio mecanismo operatório da construção do sentido.

De narrativas diversas que assumimos ser as de interação entre esses dois sujeitos, a cidade e os habitantes, consideramos que essas formam práticas da vida urbana das quais depreendemos a narratividade ininterrupta de São Paulo em suas sequências de enunciados de estados e enunciados de transformações (GREIMAS, 1976). Esse encadeamento de enunciados define a narrativa da cidade como constituída de práticas tanto da vida da cidade quanto dos que a habitam.

Precisamente, o segundo conceito chave é o de “prática”. Entende-se por prática um fazer cotidiano que caracteriza ações que se repetem, mas não de modo redundante que esvazia o sentido. Ao contrário, essas podem ser práticas de um indivíduo, de grupo social, ou, em maior escala, da população da cidade. A repetição de uma ação, de uma sequência delas dá-se no eixo sintagmático em intervalos temporais e manifesta um modo de presença que é definido pela constância acional na cotidianidade. Os traços recorrentes mostram o que permanece na dinâmica transformacional e esses promovem a identificação da prática. Como uma rede relacional de traços, a prática é decomponível e passível de ser

reconstruída na análise de um lugar da cidade, de práticas de moradores de imóveis, por exemplo. O conjunto de enunciados que estruturam uma prática é resultante de uma estratégia única de enunciação assumida pelo enunciador. No âmbito de uma cidade a enunciação dos enunciados dá-se por um enunciador coletivo. Trata-se de várias instâncias de realização performática de atividades subjetivas, que mostram como se estabelece as interações que levam a analisar dada prática como uma série encadeada de programas narrativos entre sujeitos, entre sujeitos e objetos de valor. Essa sintaxe é tanto mais complexificada quanto mais a prática enreda expansivamente em sua estruturação programas narrativos de uso que pressupõem programas de base dos sujeitos em ação.

Nesse viés, da análise dos componentes sintáticos e semânticos das práticas de vida de uma cidade pode-se depreender os níveis axiológico e narrativo a partir da discursivização que indica nas interações diversas dos sujeitos como essas fazem ser a cidade de São Paulo, ao mesmo tempo que esses tipos de interação também são constitutivos do fazer ser de seus habitantes. Esse método semiótico do percurso gerativo do sentido tem seu trânsito no ir e vir da superfície do discurso às profundidades das axiologias e valores em circulação.

Nessa etapa de trabalho, pretendemos dar conta do conceito de interação que passamos a desenvolver nos dois subtópicos que seguem. Isto porque na medida em que definimos os modos de interação, definimos também os procedimentos que embasam toda e qualquer construção do sentido das práticas. A interação como mecanismo de produção do sentido nos direciona a levar em conta os tipos de interação processadas entre um sujeito e outro sujeito, que, em inter-relação e seus modos de fazer-se presente no discurso, produzem o sentido. Esses sujeitos estruturam-se no e pelo processo comunicacional e de significação (GREIMAS e COURTÉS, 1979). No escopo da teoria semiótica fundada por Greimas, nenhuma manifestação pode ter sua significação inteiramente pronta de antemão, uma vez que ela é fruto dos tipos de interação entre os dois sujeitos que são concretizados na manifestação do processo que travam com os seus atos de fazer ser o sentido – como Landowski (1992) define enunciação. Assim há textos mais acabados, que deixam a construção do

sentido toda trilhada, em oposição àqueles menos acabados, que requerem mais participação dos sujeitos enquanto parceria no processamento dos usos de linguagens adotados para a manifestação do sentido (LANDOWSKI, 2004). A exploração da enunciação que postulamos é estudada por meio dos tipos de interação discursiva, dos mecanismos de cada sujeito no seu ato de fazer ser o sentido (OLIVEIRA, 2013).

O corpo a corpo na inter-ação cidade e habitante

O primeiro ângulo de abordagem proposto é de como abarcar a imensidão das práticas de vida de São Paulo. A imperativa necessidade de selecionar a parte que vale pelo todo encaminha à necessidade de selecionar o que tratar desse mundo citadino. Esse recorte recai sobre o sujeito que pesquisa a cidade, uma vez que nasce do encontro entre São Paulo e o semiótico, a sua escolha e decisão do ângulo de tratamento. A cidade, ela mesma, expõe-se para ser vista e, igualmente, o oposto, esconde-se para permanecer na invisibilidade. Os modos como essa visibilidade é apreendida ou acobertada são então altamente significantes. O que é exposto toca o habitante e produz uma interação do tipo corpo a corpo entre a cidade e quem a vê, a tateia, a sente. O que se passa entre a cidade e o cidadão (inclusive o analista) torna-se a apreensão primeira, aquela que se dá na e pela experiência vivida, que é marcada pela particularidade do se fazer na inter-ação dos sujeitos. Enfatizamos essa condição interativa dos corpos que, já ao se tocar, dão início ao processo de construção do sentido que se desenrola na duração da ocorrência sob um regime de união,⁴ em que a ação dos sensibilizados ao significar o que é apreendido, em reciprocidade, também vai significá-los como parceiros de

⁴ Conceito postulado por Eric Landowski (2004), ele está em oposição ao *regime de junção*, muito explorado na gramática narrativa de Algirdas Julien Greimas, desenvolvida na França, nos anos 1980. O regime de junção dá conta dos programas narrativos de busca do objeto de valor, com o encadeamento de sequências das tentativas de superação do estado de privação até o estado de superação, com a consequente conjunção do sujeito cujo programa narrativo passa do estado de privação com a falta do objeto de valor e/ou sua axiologia ao estado de conjunção com o estado de aquisição do valor buscado. Como o outro lado dos procedimentos da sintaxe da falta, os procedimentos do regime de união não envolvem a mediação de um objeto de valor regente das sequências narrativas do programa narrativo da disjunção ao de conjunção. Mas, ao contrário da sintaxe da troca de valor econômico, na sintaxe da união, o sujeito interage com outro sujeito e vão ambos descobrindo, no fazer sentido que sentem juntos, o sentido que é então vivido na e pela experiência que ambos protagonizam (LANDOWSKI, 2005).

interação. Ao ser assumida, essa perspectiva da enunciação para estudo das práticas implica a cidade ser tratada enquanto sujeito, que atua sobre os habitantes e sobre si mesma. Portanto, enquanto sujeitos postos em interação bilateral, com tipos vários de transitividade (OLIVEIRA, 2013).

Enquanto moradora da cidade, eu a conheço, mas o que de São Paulo se propõe analisar não está predeterminado exclusivamente por esse saber prévio, mas também nasce de encontros fortuitos que produzem descobertas, aprendizados, e constituem um conhecimento participativo. Nesta orientação, tanto a cidade quanto o analista são caracterizados por um estado de disponibilidade para um estar apreendendo o corpo do outro, sem rotas, lugares e nem horários marcados e, assim, descobrindo-a, curtindo-a e compreendendo-a ao vivê-la. Retomando Amós Oz (2007), apesar das diferenças, esse processo aproxima um sujeito de outro, pois somos todos muito sensíveis e o que criamos nas interações com a cidade carrega essa sensibilidade inteligível resultante das apreensões que estamos disponíveis para sentir em sua densidade mostrativa e que vão ser vividas por nosso corpo diretamente ao tocar o corpo da cidade. Esse levantamento é o que chamamos inventário das experiências de vida, das práticas.

Mesmo estando todos muito próximos uns dos outros, são as tantas diferenças que saltitam e não param de despertar a atenção, e essas distinguem os modos de disponibilidade de cada um dos parceiros nas interações. A diferença é o traço que salta da totalidade uniforme e mostra a manifestação em seu processo semiótico dos usos das linguagens. O que se torna observável nos toca pelas qualidades sensíveis; no caso da cidade, essas podem ser as suas formas, cores, movimentos, sonoridades, cheiros, gostos, temperaturas, enfim, impressões tantas que atingem o corpo, fazendo-o sentir o corpo urbano. O corpo vivo da cidade desperta outro vivente, que é sensibilizado. E todos nós captamos e classificamos sem parar o que nos atinge, concluímos com Amós Oz, em sua fábula tornada nossa epígrafe. Tanto o sensível quanto o inteligível nos conduzem a apreender, compreender e refletir sobre o nosso viver citadino. A partir de nossos modos de presença nos locais da urbe e das interações que com esses e nesses mantemos, formam-se os modos como travamos

relações, mesmo estando tão separados de maneiras várias. Proximidade e distanciamento do sujeito em relação a outro sujeito, objeto, coisa, com as muitas graduações entre essas polaridades opostas, mostram que essas podem ser articuladas. Em relação à distância e à proximidade do sujeito, o método de apreensão é o que esse eu relacional assume ao se posicionar na espacialidade em correlação ao seu assumir na temporalidade um ângulo para se colocar e postar-se na interação. Ao se tornar mais ou menos disponível ao sentido é que o sujeito pode ir sentindo-o ao processá-lo.

Reconhecemos que entre esse sentir e o sentido do sentir, o seu significado, há um só trabalho interpretativo que opera pelo enlaçamento dos dois procedimentos, o sensível e o inteligível, que não são separados ou excludentes: ao contrário, esses podem ser articulados em novos processamentos.

O corpo da mídia na interação cidade e habitante

Talvez em função da grandeza da metrópole, o que é mais próximo dos habitantes, a cidade vivida ganha um efeito de distanciamento de cada habitante e também efeito de distanciamento do outro e de si mesmo, uma vez que esse vivido tem uma esfera de compartilhamento reduzido, enquanto a cidade mediatizada é aquela que difunde as ocorrências da cidade, tornando-as comuns e ao alcance de muitos públicos. Mantendo vínculo mediatizado com a cidade e suas ocorrências, os meios de comunicação funcionam como um terceiro que intermedia e operacionaliza o estabelecimento de interações da população com as notícias, os filmes, os vídeos, as fotos, entre outras representações.

Estabelecido que essas representações são acontecimentos mediatizados de outra ordem que os acontecimentos experienciados, levamos em consideração em nossa pesquisa não só a força da mediatização, mas também a sua função de exercer uma ponte entre os fatos noticiados da cidade e os fatos vividos pelos seus habitantes. A função torna-se, pois, de agendamento do que ver, comer, conhecer da cidade, onde passear, retirando das ações todo o inesperado, ocasionado por uma coincidência,

cruzamento de circunstâncias. As ações são programadas pelo que “está na Globo”, foi coberto pelo jornal, pela revista, uma celebridade usou, enfim, há uma estratégia de sedução que leva à adesão do público ao sugerido na matéria noticiosa.

O contato direto da experiência é assim secundarizado pela veiculação nos noticiários, documentários, crônicas, séries, de narrativas das práticas da vida urbana, que exploram até os mecanismos testemunhais para produzir efeitos de dizer verdadeiro e o público sentir-se a par dos acontecimentos da cidade em que vive sem ter feito uma dada visita à exposição do MASP ou corrido no evento de um ponto emblemático, por exemplo. Nas produções midiáticas tem-se como estratégia entrevistar a população, delegando-lhe a voz de actante de uma história coletiva, na qual cada indivíduo é colocado enquanto olhando e ouvindo, por meio da mediação, a ocorrência noticiosa. Os artifícios de linguagens entram em cena pelos modos de mostrar verbal, ou verbo-visual, ou verbo-voco-visual, ou seja, audiovisual, enfim, pelos modos de construir arranjos sincréticos para fazer ouvir, ver, cheirar, degustar a cidade. Não só uma cidade da qual todos os meios nos distanciam para fazer sentir que estamos a salvo das ocorrências, mas também uma cidade em que somos colocados no cruzar das balas, inclusive enfrentando o risco de ser atingido por uma bala perdida tal como acabam de noticiar no rádio. Resguardado em seu carro com os vidros hermeticamente fechados, no farol vermelho, o sujeito comum lança um olhar perquiridor ao contexto da rua, vê um PM na esquina, uma massa uniforme atravessando a faixa de pedestre, o ruído das compassadas passadas de cada um direcionando-se para um ponto da cidade e, aliviado, ele conclui que aquele bairro da notícia está muito longínquo do seu aqui e agora. Torna-se um alhures perdido na megalópole, e esses estados de alma não afligem os habitantes assegurados pelos jogos de linguagem que exploram os arranjos sincréticos para produzir efeitos de longe e perto do que é tratado conforme interessa ao destinador, regente da ordem pública. Assim os modos de presença da população nas cenas da cidade e até o ser posto na cena como dela atuante são sempre uma construção mediatizada que, na acepção de Landowski (2004), produz efeitos de “ajustamento reativo”

ao fazer sentir que se está em presença de algo ameaçador mesmo estando confortavelmente sentado na poltrona da sala íntima, vendo, ouvindo, lendo o acontecimento pela mediação dos meios. Eis-nos tocados por efeitos de sentido que nos fazem sentir o sentido visto, ouvido, cheirado, ou seja, a partir da interação intermediada pelo tratamento das linguagens mediáticas. Sem decifrar esses recursos da linguagem, não se pode assumir uma visão crítica do mundo, da cidade, da vida mesma que corre nas veias, pois o público não consegue se des-envolver das amarras das construções das linguagens com seus efeitos de sentido que, estrategicamente, moldam seus estados de alma e de ânimo.

Entender os mecanismos de colocação em discurso é então tão importante nos discursos mediáticos quanto nos dos acontecimentos da cidade. Esses dois modos de interação do sujeito com a cidade nos guiam em nossa abordagem das práticas de vida em São Paulo. Os mecanismos da enunciação na discursivização concretizam os sentidos que vão orientar a captura da axiologia do estar presente na megalópole.

As linguagens dos meios concretizam nos enunciados o sentido que esperam o público reoperá-lo no seu inter-relacionar-se com as manifestações a partir das pistas deixadas. Com o domínio das operações discursivas e o alto índice de pesquisa sobre o perfil do público segmentado, os meios de comunicação modelam os seus enunciados para o destinatário decifrar os usos de linguagens com os quais é levado a ter familiaridade e a desenvolver hábitos de leitura. Estrategicamente, também guiados pelo ponto de vista da mediação, os meios produzem enunciados que apelam mais aos sentidos do sujeito no seu ato de construção do sentido, quando experimentam os efeitos do contato reativo e são manipulados para sentir conforme os usos sensíveis das linguagens que os envolvem sem chegar a operar um desenvolvimento mais criativo.

Mesmo sem guardar a força participativa da construção do enunciado em ato que se dá no contato com ocorrências que se vivem na e com a cidade, esse tipo de construção do acontecimento tem impacto sensibilizador no que o recebe. No entanto, essa construção de linguagem com a sua estetização não carrega a força de lançar o sujeito na experiência na qual ele viria a se descobrir, descobrir a vida, o mundo, o outro, ao

vivenciar, com os sentidos, o sentido do qual participa. Esse encontro revelador da descoberta junto não se experimenta com a intervenção de nenhum tipo de mediação, mas tão somente na e pela experiência em ato.

Nos enunciados da cidade, além destes tipos de enunciados, a ação do acidente estético e o contágio sensibilizador estésico atuam. As experiências sensibilizadoras, em maior ou menor grau, advêm de encontros entre arquitetura, urbanização e o próprio sujeito habitante em ação. Superam, pois, o deslumbre de uma edificação de uma ponte, de um prédio que produzem contemplações fusionais e vão também além das estetizações como as mediáticas que intencionalmente criam a estetização circundante. Ao contrário, na confluência de encontros entre corpos vivos que fazem sentido, o sujeito se sensibiliza.

Como distingue Landowski (2004), há os corpos que fazem sentido em ato e aqueles que têm sentido. Se um Anhangabaú carrega o seu sentido na sua construção revitalizada, a ambientação que ele cria com a quebra da verticalidade faz irromper na ligação entre centro antigo e a outra São Paulo, eixos que o corpo do passante vetoriza, sentindo o ser lançado nos sentidos do vale que ele experimenta, e que são produzidos pela topografia.

Da diferenciação dos modos de processamento das interações diretas e mediadas entre cidade e população, as práticas de vida propõem-se como uma rede completa de sentidos, processadas pelos diferentes tipos de interações.

Recorte das práticas de vida na cidade

Os modos de dar conta das práticas de vida da metrópole São Paulo impõem então entender o que são essas práticas que possibilitam considerar tanto uma cidade experienciada, vivida, quanto uma cidade noticiada. Definimos cidade como um sujeito do fazer, que se torna no conjunto de suas articulações uma organização vivível de alta complexidade. Os seus modos de presença dão-lhe um mostrar-se ou camuflar-se ao outro que o apreende ao estabelecer com ele tipos de interação em uma dinâmica

em que um sujeito faz fazer e faz sentir o outro sujeito da interação na qual interagem. A cidade torna-se sujeito pelos seus atos que a definem, tanto quanto a sua população. Então, essa ação que, no mais das vezes poderia parecer do tipo intransitiva, como se a cidade na sua imponente independesse do outro com quem interage, teria uniformemente um papel de destinador unilateral, que se impõe por si ao outro, não é de fato exclusivamente assim.

Ao contrário, a cidade guarda uma transitividade com o outro polo interagente, o do sujeito que a habita. Transitividade bidirecional que pode ser direta ou indireta, se for considerado que a cidade faz o outro fazer algo, mas também esse outro sujeito faz a cidade fazer. A ação de um provoca a reação de outro, que vai além de uma reação física, pois a ação mutuamente recai nos sujeitos, afetando-os. A diferença então seria, de um lado, uma interação orientada por um propósito que intencionalmente rege a relação volitiva entre as duas partes, a fim de que uma delas convença a outra a se direcionar a um determinado fim, enquanto a interação pode ocorrer também sem um propósito estabelecido. Sendo decorrente de um encontro dos parceiros em ação, esses se movem pelo próprio contato interacional. Não existindo previamente nada que os ligue, é o interagir mesmo que anima as duas partes, que, em transitividade recíproca, se sensibilizam rumo às descobertas na e pela interação. Estamos diante dos princípios que Landowski (2005) opôs, tratando o primeiro como princípio da intencionalidade, regente dos procedimentos de estratégia nas negociações que têm o alvo de firmar os contratos comunicativos, e o segundo como princípio da sensibilidade, regente do procedimento de ajustamento que produz o encontro significativo, no ato interativo, de um e outro partícipes da parceria irem encontrando valores próprios, sentidos que não haviam sido estabelecidos previamente e só decorrem do estado de seu contato direto, criando junto um achado significativo. Daí poder afirmar que há a transitividade bidirecional direta do contato corpo a corpo, que faz advir um valor do encontro, e a transitividade bidirecional indireta, aquela que interpõe entre os dois sujeitos uma mediação de valores pelos quais um sujeito intenta convencer a vontade do outro para levá-lo à adesão e ao contrato.

No bojo dessas transitividades mediadas, portanto, enquadram-se só parcialmente nas práticas de vida da cidade as que nos chegam editadas nas impressões em papel, ou montadas nas tantas telas que intermediam nosso participar delas, ao circular nas ondas sonoras, audiovisuais, como luz que produz imagens e sons da urbe direcionados em uma angulação programada para fazer vê-los, segundo a parcialidade de sua iluminação, focada somente no que quer que se projete e ganhe visibilidade ou no que se obscureça na invisibilidade, daquilo que não se quer que seja apreensível.

E as demais práticas de vida, aquelas vividas com os sentidos, como essas podem só permanecer na obscuridade das vias públicas mal iluminadas? Como se podem obscurecer as práticas cidadinas cotidianas que significam a população e a cidade? Não há como contê-las, pois elas explodem em raios de força com um vitalismo tamanho que aparecem na paisagem urbana que as denuncia. São disformes já pela própria força de não poderem ser vistas e mostram-se plenas de semantismo a ser atualizado nos encontros.

Consideram-se, assim, em nossa pesquisa esses tipos opostos de práticas de vida: as diretas, aquelas corpo a corpo sem mediação, e as indiretas, com mediação dos meios de comunicação. Há, pois, tanto um sintonizar do pulsar da cidade com o de seu habitante, inserindo neste caso o próprio pesquisador. Um pulsar que sente na sua pulsação o pulsar do outro e, sentindo-se, abre-se à possibilidade de pulsar um com o outro. E o que daí é sentido processa o seu sentido com os sentidos do outro parceiro da interação. São corpos sentindo-se e fazendo sentido, e esses exigem um tratamento que seja capaz de flagrar esse processamento em sua especificidade sensível, dando conta das competências estésicas moventes das *performances* do sentir com os sentidos sentido.

De outro lado, o sintonizar da pulsação da cidade com a de seu habitante, que se faz a partir da intermediação regente dos meios de comunicação. Em função da inacessibilidade metropolitana, devido à sua geografia espalhada por um território que não é apreensível a olho nu, que não é apreensível corpo a corpo, o que é mais próximo dos habitantes, a cidade que eles vivem com as suas ocorrências, passa por um efeito de distanciamento do habitante. O quanto aí intervém uma escolha indi-

vidual do cidadão, que assim age por opção própria, para poder esquecer a provação do seu rame-rame e fugir para outras figuratividades mais euforizantes e suportáveis de vida, está sendo avaliado.

No entanto, deliberado ou acidental, estratégico ou contagiante, constata-se esse distanciamento que a população assume do seu vivido. A ele são sobrepostas outras narrativas, que tomam o seu lugar no viver, caso específico das telenovelas, dos telejornalismos que ocupam as poucas horas de lazer dos cidadãos. Porém, esses irradiam acontecimentos vividos por alguém, ao mesmo tempo que as experiências vividas não podem ser apagadas. Após as poucas horas de sono, há um novo sol e, à luz do novo dia, mais uma vez, repetir-se-á a narrativa de enfrentamento do cotidiano. De igual modo dão-se os efeitos de distanciamento do outro e de si mesmo, uma vez que esse vivido desgastado produz uma esfera de compartilhamento social reduzido.

Ganha assim mais destaque a falta dos espaços públicos pensados para favorecer livres ou oportunos encontros em que a sociabilidade não programada impera e se pode descobrir junto o que fazer. A gritante falta de espaços públicos, além daqueles das ruas e praças, faz também que a vida seja preenchida pelos produtos mediáticos ou modos de vida em outros espaços privados-públicos, como os centros comerciais, os famosos *shopping centers* que hoje atingem a cifra de 48 estabelecimentos em São Paulo, com mais projetos a ser edificados em breve. Com seus lugares públicos e os privados-públicos, a cidade mediatizada circula com uma pauta, produzindo agendamentos na cidade vivida e fazendo circular as ocorrências da cidade, tornando-as comuns ao serem coletivizadas e postas ao alcance dos muitos públicos interconectados por redes fixas ou móveis. Assim, mantém-se também a vinculação mediatizada entre os membros da população, que encontram outros modos de estar em relação. Os meios funcionam em todos esses papéis como um terceiro que intermedia e operacionaliza o estabelecimento de interações entre sujeito e cidade a partir do rol conhecido de acontecimentos noticiosos.

Estabelecido que um acontecimento noticioso não é um acontecimento da vida, mas tão somente a sua representação que, segundo uma angulação o apresenta como fato da vida, tem-se que essa pressuposição

não só enfatiza a força determinante da mediatização e a sua função de exercer essa ponte entre os fatos da cidade e aqueles vividos pelos seus habitantes, mas tem também a função de regular os modos de viver a vida, ou seja, de controlar como se vive em sociedade na urbe. Por essa razão, a nossa busca inclui ainda o estudo e interpretação dos papéis dos destinatários mediáticos na organização da vida urbana da metrópole paulistana na medida em que eles promovem uma secundarização das narrativas de vida dominadas pelas narrativas urbanas televisivas, filmicas, radiofônicas, jornalísticas. Em que medida outros destinatários e até o eu de cada habitante podem se fortificar e se contrapor aos destinatários mediáticos?

Nosso objetivo é então pensar as distintas práticas com abertura, apostando na opção de que viver vale a pena pelo que há na vida de instigação, que pode ser passada a quem se abre a ela. Deixando de se apegar só aos estratagemas que cada um aprende a projetar para atingir seus alvos, encontram-se disponíveis ao alcance de todos vários modos de sensibilização que irrompem na e pela prática, no acontecimento mesmo da experiência de vida, e possibilitam uma existência significativa. Desse arrolar, a nossa pretensão é chegar a uma cartografia de práticas de vida, individuais ou coletivas, privadas ou públicas.

Das condições de sentir às qualidades sensíveis

Passíveis de distinção, os modos de o sujeito experimentar abertamente esses encontros por meio dos quais a cidade se faz sentida como um outro sujeito, com o qual se entrecruzam os caminhos da população, são esses que nos conduzem a explorar os dispositivos que a fazem ser sentida, ouvida, cheirada, degustada, vista. Quais são as condições de as qualidades se tornarem apreensíveis aos sentidos? Como elas se fazem experimentadas? Tudo parte das condições e das circunstâncias de algumas das qualidades se lançarem enquanto vetores e se orientarem com os seus atributos em um existir agindo por si mesmos, que, no ato de captação, impregnam de si os sentidos do outro. Justamente essas qualidades transportam os sentidos de seu uso e, lembrando Greimas (2002), “de sua usura”. Quando as qualidades se depreendem da homogeneidade

unificante e sobressaltam com os seus traços, elas se diferenciam das demais e, quando tocam o corpo do outro, se fazem presença apreensível. Se essas qualidades assim se movem é porque são atributos impactantes, que conseguem atingir e fazer-se sentidas no corpo do outro.

Posicionados sem premeditação, mas podendo também escolher um dado posicionamento, o sujeito é atingido quando se posta em dada espacialidade e em dada temporalidade que viabilizam se dar a interação. Tanto a qualidade vetorizada do traçado significante quanto a qualidade do sentir esse vetor que lhe afeta encontram-se, pois, na justa distância, aquela que torna possível concretizar na e pela copresença a impactante convergência das circunstâncias de um encontro com o sentido significante.

Uma vez que em suas rítmicas todos os sentidos são passíveis de produzir impactos sensíveis e fazer-se ser sentidos, o processamento das estesias é intercomunicante e dá-se em situação, exigindo, portanto, tratamento enquanto prática contextualizada. Assim propomos, além das considerações tecidas, também explorá-la por um alargamento da sintaxe do ver pensada por Landowski (1992) em jogos ópticos. Há a presença de um sujeito que vê e de um outro, aquele que é visto. Essa situação de copresença pode ser alargada para um sujeito que ouve por alguma sonoridade fazer-se soante, por algum paladar fazer-se degustado, de algum cheiro sentido olfativamente e os que tateiam o corpo todo. Afora essas articulações entre os modos de sentir, em sinestesia que produzem outros modos de apreensão. E, assim por diante, estendendo-se de um sentido a outro, que se mantêm alertados.

Atentos aos vários dispositivos do fazer impressivo e às suas propriedades de atingir sensivelmente o outro, assim como às articulações que montam com o fazer inteligível, essa pesquisa caminha na e pela interação com lugares da cidade.

Por uma semiótica das práticas

Na experiência da população de sentir a cidade, não podemos deixar encoberto o que é da ordem do sensível, do vivido pelas apreensões sensíveis diretamente na experiência mesma da cidade. A tarefa é a de re-

construir o sentido vivido na e pela plasticidade da urbanidade. Assim é que a São Paulo observada em parcelas de sua vida que nos tocam por sua singularidade só pode ser estudada por meio de uma observação direta e participativa para ser resgatada e tratada na complexidade desse objeto de estudo. Essa observação direta é, pois, corpo a corpo em interação, que pode explicitar os modos das experiências particulares em suas especificidades ser qualificadoras da cidade de São Paulo. Ainda essas nos levam a pensar de que modo essas especificidades podem ser generalizáveis para ser consideradas como práticas de vida de cidades e dos habitantes, pois a ambição é de construir um modelo geral das semióticas das práticas que opere tanto com a dimensão sensível quanto com a inteligível de uma cidade, além dessas em articulação.

A totalidade sensível e inteligível da cidade se compõe com cada um se assumindo passível de sentir e ser sentido, de significar e ser significado. Encaminham-se desta relação dialógica respostas não prontas e até então não sabidas de como é essa cidade que habito, em reciprocidade, à cidade que habita em mim, fazendo-me ser.

A nossa preocupação maior tem sido conseguir romper as homogeneizações construídas da cidade para poder entrar nos seus traçados particulares, aqueles que guardam a vida como acontecimento que fala da cidade e da população em sua trama de relações mútuas. Opondo as relações construídas, que são gerais, às relações apreensivas, que são singulares, pode-se operar o tempo todo estabelecendo contrastes que nos permitem passar do macro ao micro, do geral ao particular, do todo à parte. Chegando às reiterações dessas interações sentidas e das mediações, podemos avançar rumo às categorias.

A semiótica das práticas de vida é, pois, mais abrangente do que uma semiótica do espaço, e convoca a interseção da semiótica plástica (FLOCH, 1995, 1987), que permite analisar as qualidades das várias figuratividades correlatas que se manifestam em um todo de sentido. Essa modalidade de sentido impressivo complementa a da construção da significação pela construção que é socializada. Em correlação, essas são duas rotas de nossa trajetória de tratamento dos sentidos das práticas de vida da cidade.

Referências

- FLOCH, J.-M. *Une lecture de Tin-Tin au Tibet*. Paris: PUF, 1995.
- . *Petites mythologies de l'oeil et de l'esprit*. Pour une sémiotique plastique. Paris-Amsterdan: Hades-Benjamins, 1987.
- GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- . *Maupassant*. La sémiotique du texte. [Maupassant. Exercícios de semiótica do texto. Florianópolis: Editora da UFSC.] Paris: Seuil, 1976.
- ; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- LANDOWSKI, E. Da interação entre comunicação e semiótica. In: PRIMO, A. et al. *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulinas, 2008.
- . *Les interactions risquées*. Limoges: PULIM, 2005.
- . *Passions sans non*. Essais de sócio-sémiotiques III. Paris: PUF, 2004.
- . *Presenças do outro*. Ensaios de Sociossemiótica II. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- . *A sociedade refletida*. Ensaios de Sociossemiótica I. São Paulo-Campinas: EDUC-Pontes, 1992.
- OLIVEIRA, A. C. As interações discursivas. In: OLIVEIRA, A. C. (Ed.) *As interações sensíveis*. Ensaios de sociossemiótica a partir da obra de Eric Landowski. São Paulo: CPS e Estação das Letras e das Cores, 2013.
- . A plástica sensível da mídia impressa. In: OLIVEIRA, A. C.; TEIXEIRA, L. (Orgs.). *Linguagens na comunicação*. Desenvolvimentos de semiótica sincrética. São Paulo: CPS e Estação das Letras e das Cores, 2009.
- . Interação nas mídias. PRIMO, A. et al. *Comunicação e interações*. Porto Alegre: Sulinas, 2008.
- OZ, A. *De repente, nas profundezas do bosque*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.